DISCURSO

GUSTAVO BARROSO (*)

RAIMUNDO GIRÃO

Gustavo Barroso deveu a sua formação moral e intelectual mais à sua orfandade do que aos próprios pais.

O escrivão de Fortaleza, Antônio Felino Barroso, casara-se em 1884 com a alemã Ana Guilhermina, moça diplomada com altas notas na Escola Normal de Hamburgo e filha do engenheiro e doutor em Filosofia, Gustavo Luís Guilherme Dodt, que veio para o Brasil, contratado, para prestar serviços de sua especialidade e aqui se radicou.

Abrasileirou-se, de tanto ficar, o ilustre alemão, "construindo em nosso País linhas telegráficas, abrindo estradas, lançando pontes, explorando rios mal conhecidos ou sertões ignotos". Muitos anos permaneceu no Ceará, em Fortaleza, onde adquiriu um terreno no Benfica, levantou casa de morada e deu à chácara o nome de "Baixa Preta". Êste sítio iria ditar enorme influência na vida do futuro neto.

Produto de cruzamento brasílio-germânico, Gustavo — é êle mesmo que o diz — "nasceu misturado" e foi o terceiro rebento do casal. O primeiro, muito alvo e louro, "passou pela vida como uma sombra triste e sempre doentinho morreu aos treze anos de idade". O segundo, que recebeu o prenome da mãe e respondia pelo hipocorístico de Nini, era de tez morena e finou-se aos trinta, ingressa, desde adolescente, na ordem religiosa do hábito beneditino.

Ana Guilhermina Dodt faleceu no quinto ano do casamento e deixou Gustavo com a idade de sete meses. Os dois irmãos foram mandados aos desvelos dos avós maternos em São Luís do Maranhão, mas o caçula, de tão pequeno, foi entregue aos cuidados da avó octogenária e de duas tias já cansadas, passantes dos sessenta: "em volta do meu berço, em tôrno de minha infância — regista Gustavo — nunca

---

(*) *Pronunciado, em nome do Instituto do Ceará, na sessão fúnebre em homenagem a Gustavo Barroso.*

se pronunciou palavra em alemão, nunca bateu asas um pensamento alemão. Tôda a tradição brasileira me envolveu desde os meus primeiros dias de vida". Não registou, entretanto, que lhe corria nas veias o sangue teuto e que êste lhe interferiria, inconscientemente, em muitos dos atos como invencível coordenada de sua elaboração psíquica.

O nascimento daquele caçula dera-se na casa da Rua Formosa, hoje transformada num depósito comercial de farinha de trigo, não diremos de todo desvirtuada porque bem poderemos ver na criança ali vinda ao mundo uma bela semente do aloirante trigo da inteligência brasileira.

Viúvo, Antônio Felino desfez o lar e mudou-se com os móveis para a casa da Rua do Major Facundo — o velho "sobrado colonial com paredes de fortaleza e soalho de taboões", de velhos armários e velhas cômodas entupidos de louças da Índia, pratarias e castiçais de vidro. Seria êste sobradão, com o "Baixa Preta" do avô, outra influência decisiva na existência do filho.

Assim, órfão da casa, órfão da mãe, órfão de melhores solicitudes da avó quase decrépita e das tias sexagenárias, viu-se também desgraçadamente órfão das meiguices do pai.

Faz êle — é ainda registro de Gustavo — "faz êle a sua vida como bem entende e pouco se dirige a mim. Apesar de pequenino, às vêzes eu fico triste quando vejo os outros meninos passando e parolando em liberdade com os seus pais. Quando pronunciam as palavras — *minha mãe* ou *mamãe*, sempre baixo a cabeça. Baixo-a mais ainda, quando ouço alguém referir-se a mim com pena: — coitadinho, não tem mãe!"

A essas esquivanças do pai fará o filho outra referência amarga: "Em nossa casa era assim. Ninguém procurava satisfazer o desejo duma criança, guiá-la, mostrar-lhe as cousas com clareza e, ao mesmo tempo, dar-lhe o carinho preciso para que se não estiolasse o coração à míngua de afeto e de confiança. Menino era como uma planta. Adubava-se. Crescia normalmente. Se um galho bracejava mais alto ou se desviava da posição normal, amarravam-no, torciam-no, aparavam-no ou decepavam-no. Eu já compreendia que não havia remédio, nem para quem apelar, sem mãe e com um pai indiferente ao que me fôsse n'alma, tão indiferente como se eu vivesse na China. Conformava-me. Esperava a minha libertação do tempo".

E esta outra, não menos ácida: "Todavia, não tenho ânimo de pedir-lhe que me conte essa história em que entrevejo uma batalha como as que vi nas gravuras dos livros sôbre as barricadas européias. Não o tinha, porque meu pai raramente fala comigo e parece, ao meu ver, não me dar muita importância. Desde pequenino, por falta dum afeto maternal gerador de confiança ilimitada, eu me acostumara a viver co-

migo mesmo e a deixar-me solicitar sempre, em vez de solicitar. Calo-me, embora roído pelo desejo de saber tudo."

Em muitas ocasiões escapa da pena do escritor essas reservas de amizade ao velho Felino, atitude só modificada depois que êste foi conviver com êle no Rio de Janeiro. Amaram-se, então, numa grande estima.

Essa orfandade assim total, até que chegasse a libertação do tempo, imprimiu, é bem de ver, traços muito agudos no coração e no espírito do órfão, que tentava vencer por si as paredes de fortaleza daquele ambiente vetusto, "espécie de ilha no meio da cidade que progredia", segundo expressão sua. Valia-se das próprias fôrças interiores ainda não definidas ou, sem perceber, infiltrava-se de idéias e inclinações despertadas por aquelas coisas que compunham o sobrado colonial, numa atmosfera em que não dominava a claridade, em nenhum sentido.

As narrações das tias sôbre bravuras de primos e parentes, inspirando-lhe na mente juvenil o entusiasmo dos heróis da família, combatentes do Paraguai; a presença da velha espada de copos em tijela que fôra do bisavô, Capitão João da Cunha Pereira, e se conservava dependurada dum armador de rêde; os relatos de feitos praticados no sertão pelo pai, "quando estava de bom humor" — tudo ia envolvendo o seu pequeno cérebro em nuvens de dúvidas, de interrogações, de ânsias e desejos díspares e desconcertantes.

Num dos seus livros de *memórias* confessa que a sua primeira aspiração fôra ser boleeiro de bonde, tomado de envejas pelo negro Poeirão, guiador dos ingênuos veículos de tração animal da Companhia Ferro Carril. E se tal não pudesse alcançar, gostaria de ser soldado, como aquêles da polícia, metidos em fardas vistosas, que seu pai comandara.

Êsses anelos infantis parecem às vêzes loucos e são puramente naturais — são ainda palavras suas. As crianças vêem a vida por um prisma muito diferente da gente grande, o prisma da imaginação. Vivem num mundo ideal. Acostumam-se, desde a mais tenra idade, com os brinquedos, a dar vida ao inanimado e dar alma às coisas. A imaginação das crianças é maior do que a imaginação dos poetas. Uma é natural, a outra é de arranjo. Os poetas fazem das fôlhas esmeraldas, das gôtas de orvalho diamantes, dos dentes de suas amadas fazem pérolas. Os meninos vestem o mais humilde cocheiro com uma refulgência de sonho e bordam na farda do mais simples soldado o louro dos heróis, "porque arrastam um caixãozinho de rodas como uma locomotiva, silvando e apitando por ela, porque alinham dez soldados de chumbo como se fôssem um exército, porque entram com todo o seu eu no processo imaginativo e multiplicam tudo como verdadeiros criadores espirituais".

Com a azinhavrada espada tirada do armador de rêde êle esgrimia, qual diminuto D'Artagnant, no vasto armazém do sobradão, como se empenhado nos combates paraguaios, *realizando* convicto as narrativas que ouvia do Capitão Teodoro Nunes, da Guarda Nacional, amigo da família.

"Minha vida é povoada de recordações militares e gosto tanto de tudo o que se refere à vida guerreira que todos os amigos e conhecidos de meu pai me auguram um futuro soldado." "Quando eu era bem pequenino, meu pai comandava a polícia e eu o achava maravilhosamente lindo, montado a cavalo à frente do batalhão, logo após a música que tocava o dobrado "Fandango-açu". Seu ordenança, o cabo Galdino, levava-me pela mão a ver as paradas e o quartel, ensinava-me o manejo das armas, e eu passava pelas ruas todo ancho, com uma espadinha de brinquedo à cintura."

Já agora, mais crescido, vendo expostos no bazar "Preço Fixo" pratos de porcelana com efígie de vultos eminentes do Ceará — Araripe Júnior, Rodolfo Teófilo, Juvenal Galeno, Moura Brasil, Pedro Borges, Clóvis Beviláqua — desejava, num desejo incerto, ser ilustre como êles, honrar também a sua terra, a sua geração e esquecer por vêzes a vontade de ser boleeiro de bonde e pensar em estudar, entrar para a Escola Militar ou para a Escola Naval, tornar-se notável e ter também o seu retrato de porcelana.

"Sigo o meu caminho para o colégio — escreve entre cético e confiante — cabisbaixo, olhos pregados no chão, inexplicàvelmente triste. Tenho a quase certeza de que nunca serei nada na vida. A pobreza dos meus é um pêso esmagador. Para subir, tenho que contar comigo e sòmente comigo. Apagar-me-ei no anonimato das mediocridades, herdando um dia o cartório de meu pai, depois de haver sido longos anos escrevente, se não fôr preterido por um candidato apistolado. Aliás, o cartório já fôra do meu avô. Tradição de família. Para que rompê-la? O cartório, o sìtiozinho, a mulher e muitos filhos. Que queres mais, ó magrelo de botas cambaias e boné de xadrezinho?"

Tais palavras lhe saíam ao recordar-se diante do grande espelho que existia no bazar. E acrescentava: "Há uma voz muito baixa e muito longínqua que me insinua pedir ao destino mais alguma coisa. Sinto, às vêzes, que não é bem pedir o que ela me segreda, mas tomar-lhe à fôrça, arrancar-lhe das mãos. Se ela me dissesse que um dia eu privaria com Araripe Júnior, o qual me ofereceria livros, seria amigo íntimo de Rodolfo Teófilo, ajudaria a glorificar no Rio de Janeiro a Juvenal Galeno, saudaria em discurso a Moura Brasil e me veria colega de Parlamento do Dr. Pedro Barges e, na Academia de Letras, de Clóvis Beviláqua, haveria de rir-me às gargalhadas! Também se essa voz me contasse a poeira de ódio, incompreensão e inveja que levantariam meus passos pelo caminho a percorrer, juro que teria pre-

ferido o cartório, o sitiozinho, a vida miúda, igual, corriqueira, em que o tempo passa pela gente, e não a que me coube, em que passo pelo tempo."

O menino órfão de tudo era um inconformado, naquela "ilha no meio da cidade", que era o sobradão da Major Facundo, e aumentava de tamanho e de pensamentos sem norte e sem fé: "Não tenho formação religiosa. Fui batizado na igreja do Patrocínio pelo meu primo Padre Vicente Salazar da Cunha, como se é em geral batizado num país de catolicismo superficial como o Brasil, por ser porque tôda a gente é. Não freqüento a igreja. Não tenho obrigação de ir à missa. Vou às vêzes por curiosidade, outras para acompanhar minha tia Nenen. Nunca fiz a primeira comunhão. O meu colégio é um colégio absolutamente leigo, ao gôsto do século XIX. Não tem ensino religioso e nem se fala nisso." Só depois dos trinta mudou dêste rumo, tornando-se fiel da doutrina de Cristo, à custa de leituras mais acuradas.

As horas sobrantes das aulas e muitas vêzes roubadas às aulas êle as desperdiçava nas brincadeiras com outros meninos de família e com moleques, peraltando, brigando, envenenando a alma ou, talvez melhor, vacinando-a contra as pestilências da maldade. Tornou-se afamado, temido como "menino danado e perguntador", sem peias de educação, sôlto nas dunas do Meireles e de Mucuripe, em contacto com pescadores rudes ou empenhado em rixas no "beco das bananas" — o seu batalhão, o batalhão do Longino Paiva, na Rua das Flôres, do qual era sargento, enfrentando o batalhão do Plutarquinho Fernandes Vieira, na Rua da Boa Vista, e cujos soldados "possuem armamentos muito mais aperfeiçoados, carabinas cortadas em madeiras e sabres de ferro, feitos das cintas de aço de apertar fardos de mercadorias".

Menino danado ou danisco — êle é quem refere — "porque tenho muita vida, não paro, monto os jumentos e cavalos que encontro no pasto, remo nas bateiras do Poço da Draga, nado das barraquinhas de banho até o extremo da Ponte Metálica, onde me dependuro nos varões de ferro cruzado, subo em todos os coqueiros, jogo admiràvelmente o *ponto* com papagaios de rabos armados de afiadíssimas rocegas, como jamelões e cajaranas de todos os quintalejos, não respeitando muros ou cercados, não erro a pontaria duma pedrada e pinto o sete pela redondeza".

Menino perguntador "porque quero saber tudo: o nome dos pertences das jangadas e os nomes de todos os peixes; como se pesca de anzol, de tarrafa, de rêde, de landuá, de jereré e de curral, na costa, nos lagamares, nos maceiós, no alto-mar, na parede do fundo e nas trinta e três".

Menino danado, que nas férias escolares vai para o sertão, demora no sertão, vive e sente o sertão, entranha-se dêle, satura-se dos

seus encantos, nas fazendas do padrinho Mirandão — o Coronel Antônio Leal de Miranda — grande criador na ribeira do Banabuiú. Sentia o sertão e via também as mazelas do sertão, os cangaceiros, os heróis e bandidos de Zé Dantas e João Cambraia, matando inocentes e espalhando, só com o nome, o pavor por entre a gente sertaneja. Como conhecia palmo a palmo as praias, ia conhecer de miúdo as várzeas planas, de barro prêto, crivadas de carnaubais e de oiticicas imensamente frondosas e juàzeiros teimosamente verdes. Ia conhecer outra vida, outro estilo de labuta, outros tipos e outros hábitos — os cantadores em desafio ao som da viola, noites adentro, e os vaqueiros iam guardar vestidos de couro em loucas disparadas matas adentro. Ia guardar para sempre aquecido na memória feliz aquêle panorama de alegria e de contrastes, de adustões cruéis e de ressurreições magníficas, pondo em confusão o juízo dos que o desconhecem ou o julgamento de sociólogos apressados.

Menino danado que se fazia rapaz danado, engenhoso de patuscadas, criador de jornais pilhéricos, de clubes estapafúrdios e *repúblicas* endiabradas, como aquêle "Clube da Lapiação" nos folguedos carnavalescos, que acabava as noitadas dançando na escuridão do cemitério, e aquêle "Consulado da China", irreverente, com o seu Mandarim-Cônsul e o seu brasão de fundo amarelo, tendo como centro o dragão imperial, revolucionando a polícia e pondo em quebra-cabeça o pessoal do govêrno.

Pôde, assim, por todos os poros encher-se da vida da capital, da vida do interior, da vida do mar, da vida dos tabuleiros do litoral, nos mais desencontrados entrechoques, gravando na alma figuras e imagens indeléveis, que haveriam de plasmar o escritor, o artista, o poeta, na mais surpreendente das contexturas.

A fuga da terra iria abrir-lhe um mundo esplendente de triunfos, de altas posições, de glórias, porém jamais conseguiria apagar no coração do menino danado a visão amorável e carinhosa do seu Ceará. "Despedi-me entre lágrimas de minha velha avó e de minhas bondosas tias, no sobrado da Rua Major Facundo, onde fôra criado. Em companhia de meu pai, desci a praia pela Rua Sena Madureira. Soprava o vento da tarde, agitando devagarinho os ramos das velhas castanholeiras da rampa do quartel. Atrás de nós, caminhava o carregador Décio, que eu conhecia desde pequeno, com minha mala na cabeça. Na Ponte Metálica, esperava-me a rapaziada dos vários consulados para o último abraço. Meu pai abençoou-me e beijou-me, emocionado. Saltei lèpidamente no escaler do velho Fonseca."

"Estive sentado num banco do convés, contemplando o panorama da cidade, das matas escuras do Cocó às barreiras avermelhadas do morro do Moínho, coroadas pelas agitadas casuarinas do cemitério velho. As tôrres caiadas das igrejas espetavam o azul puro do céu. As

curvas brancas das praias, do Mucuripe ao Arpoador, enfeitavam-se com as rendas das espumas do mar. Desde a infância, meus olhos estavam habituados àquele cenário. Tocou a sinêta para o jantar e o navio se pôs em marcha."

O navio era o "Olinda", que levava para o Sul mais um Moacir da predestinação, em busca de uma realização, duma felicidade ou do martírio dos insucessos. E quando, transposto o Mucuripe, o cearense emigrado caiu em si, mediu a extensão do passo que acabava de dar: "Deixava eu para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com que me irmanara na mesma tradição e nos mesmos sentimentos, tudo o que amara."

Ia, realmente, o jovem emigrado entestar o desconhecido, as passadas em caminhos estranhos, as influências de outros climas, "sem dinheiro e sem proteção, sòzinho, sòzinho, contando ùnicamente comigo" — exclama desalentado.

Mas, absolutamente, não ia sòzinho e levando como única riqueza aquela mala que o carregador Décio conduzia à cabeça. Levava imanente, em potencial robusto, a riqueza maior, esplêndida, do lastro da experiência e provações de uma viva vivida com intensidade, provando o fel dos empecilhos e identificando-se com as mínimas particularidades da sua gleba e do seu povo.

Aprendera a viver. Pobre, desajudado, deu aulas a meninos dos cursos primários e secundários, retocou retratos como empregado da "Fotografia Bandière", na Praça do Ferreira, foi aprendiz de cenógrafo com o Dr. Herculano Ramos, contratante das pinturas do "Teatro José de Alencar", colaborou como repórter e revisor na redação de jornais, acumulando, dêsse jeito, habilitações, fôrças e modos, que serviriam poderosamente para a sua mais alta formação cultural e espiritual.

Como ajudante de fotógrafo, deu-se ao desenho e às aquarelas e os enviava para jornais e revistas da Capital Federal, que os estampavam com relêvo, e também trabalhos literários, crônicas e contos, que as revistas "Careta" e "Tico-Tico" publicavam com interêsse. As suas caricaturas, mandava-as de preferência para "O Malho", então em grande evidência como órgão político de oposição aos governantes.

Enquanto isso, aperfeiçoava-se na arte da pintura com os retratistas Ramos Cotoco e Antônio Rodrigues, boêmios que então faziam época. As lições de cenografia do Dr. Herculano deram-lhe boa orientação no pincel e, por igual, os ordenados com que pôde aprestar-se de alguma roupa para poder viajar em rumo da Guanabara. "Eu tinha uma herança depositada na Caixa Econômica, deixada por meu avô

alemão morto em Blumenau — quinhentos mil réis acrescido de alguns juros — única herança que até hoje recebi. Completando a minha maioridade, liquidei a caderneta e pude embarcar para o Sul."

Nas lidas desassossegadas do jornalismo não foram poucos os suores de Gustavo. Adeso à oposição que combatia o Comendador Acióli, foi aos jornais oposicionistas que serviu. Principalmente o do "grupo dos Agapitos" — o "Jornal do Ceará", em acintosa refrega com "A República" aciolina. "No cheguei a apanhar — diz-nos com certa graça, embora muitas vêzes ameaçado disso. Deixei o Ceará antes que as ameaças se realizassem!" Trabalhou no "Unitário" de João Brígido, com quem se desavençou, no "Demolidor" de Joaquim Pimenta e n"O Regenerador" por êle mesmo fundado em colaboração com Gil Amora. Com êste colaborador, logo mais, criou "O Garôto", jornal que se dizia "crítico desopilante, molieresco e rabelaisiano".

"De 1907 a 1908, não houve em Fortaleza quem escapasse às setas satíricas, mas inofensivas, do jornalzinho, todo feito por ambos — prosa, versos e caricaturas gravadas em caraca de cajàzeira."

Foi em 1910 que, já terceiranista de Direito e maior de 21 anos, o cearense filho do velho Felino chegou ao Rio. Não era mais o rapazelho de botas cambaias, raquítico, que se mirara, covarde, no espelho do bazar "Preço Fixo". Ao contrário, modelara-se o seu corpo em compleição garbosa, de homem na realidade bonito, de altura dominante.

No fim do ano seguinte, desmentindo os desejos e empenhos da família e as suas irresistíveis tendências para a caserna, por ela tão contrariadas, fêz-se bacharel. Confessa lisamente: "Acabei bacharel contra a minha vontade. Sinto dentro de mim uma revolta surda."

De logo frutificou a semente. Começou a produzir a obra intelectual que havia de monumentar-se nas mais belas florações, numa fecúndia a emparelhar-se com a variedade de aspectos, em livros sucessivos, cujo número vai para além de cento e vinte.

Tôdas aquelas agitações da sua meninice e da sua mocidade no Ceará formaram as coordenadas firmes dessa maravilhosa produção. Coordenam-se e repontam em tôda ela. Cada coisa, cada fato, cada pensamento de sua existência cearense se reflete nas páginas dos seus trabalhos de escritor vitorioso.

As suas andanças pelo sertão nas fazendas do padrinho são o responsável pelo comêço vigoroso dêsse esfôrço hérculeo, que é *Terra de Sol* (1912), estupendo livro dos 23 anos, estuante de descrições tão enérgicas e tão perfeitas que põem aos olhos do leitor, na mais apurada *tecnicolor*, tôda a gama de variações pinturescas das caatingas e prados do sertão, com os seus invernos e as suas sêcas, os seus varzeados e as suas serras, os seus rebanhos e os seus roçados, com a alma de tudo isso impressa na alma do habitante, confirmando o con-

ceito de Vítor Hugo de que "a alma da terra passa para o homem".

Praias e Várzeas (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Ao Som da Viola* (1921) *Alma Sertaneja* (1933), *Almas de Lama e Aço* (1930) — integram aquêle começo vigoroso, retratando o Ceará e o cearense impregnado da alma da terra, na mais fera das lutas contra as negativas telúricas, ou nas mais venturosas positividades ao som da viola, cantando amôres e vitórias ou chorando saudades. É uma série que glorifica o Ceará, ora de armas na mão proclamando repúblicas em nome da liberdade, ora de têrço ao pescoço rezando preces no misticismo das suas devoções.

As suas vadiagens e folgares no sobradão da Major Facundo, na chácara da "Baixa Preta" do Benfica, no sítio "Jurucutuoca" de Messejana, com as suas arapucas de apanhar rolinhas e seus fojos de pegar preás, nos morros do Mucuripe e do Moinho, nos consulados de estudantes aos tabefes com policiais — são o responsável por êsses mimos de relembranças que, como jóias em relicário, se encerram em *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1941). É uma trilogia de memórias escritas com as tintas brandas da recordação, inspiradas na fórmula em Taine: "Quando um homem percorre metade da sua carreira e, voltando-se para dentro de si mesmo, conta as ambições que abafou, as esperanças que arrancou e todos os mortos que leva enterrado no coração, então lhe aparecem, juntas, a magnificência e a crueldade da natureza."

A sua vocação frustra de soldado transferiu-se para a literatura das histórias guerreiras e as façanhas do integralismo falangista, enroupado em camisa como se fôsse túnica e arrumado em pelotões como se fôssem praças cobrindo o rascunho das ordens do chefe. Evidentemente o empurrava para essa quebra no ritmo doutorista de sua carreira de homem público a metade de sangue da mãe hamburguesa, na ancestralidade germânica do culto cego da autoridade e da obediência, do mando absoluto sustentado pela disciplina passiva. Obedecer sem discutir — era o juramento da falange verde imitando, para não dizer decalcando o juramento incondicional dos legionários hitlerianos da Teutônia.

Êle próprio o sentiu: "Fisicamente, não saí alemão como meu irmão Waldemar, a não ser na altura, nem tão morenamente brasileiro como minha irmã Nini. Espiritualmente, ao lado do vasto e profundo amor pelo Brasil, sua vida e sua história, o pendor natural para a disciplina, a ordem, o sentido construtivo da existência trai a minha ascendência alemã."

Inimistado com os chefes do movimento, revelou-me certa vez que a ideologia do sigma literalmente fracassara, porém, êle, ideològicamente, continuava a ser um homem da esquerda.

São da responsabilidade dêsse amor da farda, da admiração do

menino aos soldados e à espada de copos em tijela do bisavô tantos livros que compôs de histórias da história bélica do Brasil, como *A Guerra do Lopes* (1928), *A Guerra do Flôres* (1929), *A Guerra do Rosas* (1929), *A Guerra de Urtigas* (1930), *A Guerra do Vidéo* (1930), *Osório, o Centauro dos Pampas* (1933), *Tamandaré, o Nelson Brasileiro* (1933), *História Militar do Brasil* (1935). Mais narrador de história do que historiador, cabe-lhe lugar de relevância na divulgação dos nossos acontecimentos marciais, trazendo-os à ciência do leitor comum, num valioso e enorme serviço de educação popular, dos mais benéficos efeitos.

Também foi êsse amor à militança que, prosélito o escritor do integralismo semi-fardado, o levou a escrever *O Integralismo em Marcha* (1933), *O Integralismo de Norte a Sul* (1934), *A Palavra e o pensamento integralista* (1935), *O que o Integralista deve saber* (1935) e *O Integralismo e o Mundo* (1936). Resultante da aversão ao judaísmo, alimentada pela ideologia pliniana, podem ser apontadas as suas obras: *História Secreta do Brasil* (1936), *Judaísmo, maçonaria e comunismo* (1937), *A sinagoga paulista* (1937) e *Comunismo, cristianismo e cooperativismo* (1938).

O resto da sua obra é fruto da erudição pura, abraçando setores os mais diferentes, da heráldica à técnica de Museus, do romance ao conto e à literatura infantil, do fabulário à poesia, das impressões de viagem às interpretações sociológicas, da filologia à história diplomática — obra que o consagra como um dos mais admirados e lidos escritores do Brasil e dá imenso e legítimo orgulho a êste Ceará que êle tanto estremou e para o qual voltava contìnuamente os seus pensamentos e a sua adoração.

Efetivamente, o coração de Gustavo Barroso nunca saiu do Ceará e onde o dono estivesse êle o convidava a recordá-lo.

Impressiona essa verdadeira religião da terra natal, denunciada em cada página de livro, em cada conversa íntima, em cada palestra de público. É um culto de afeto, que atinge as raias da veneração.

"Em 1919, quando tinha trinta anos, acompanhei, depois da Conferência de Versalhes, em que tomáramos parte, o meu queridíssimo amigo Dr. Epitácio Pessoa, eleito presidente da República, na sua viagem oficial ao Canadá — relata-nos evocativamente. Era julho e o verão iluminava com seu sorriso de luz o continente setentrional. Voltávamos do Canadá pelo Estado ianque de Vermont, rumo a Boston. Pela manhã, quando tomava café no carro-restaurante, o trem desembocou num vale lindíssimo em cujo fundo brilhava grande lago, rodeado de floresta de coníferas escuras. Parecia uma placa de prata polida batida de chapa pelo sol matutino. Estava na companhia dum distinto e bonìssimo oficial de marinha, o Comandante Boyd, ajudante de ordens americano do Presidente. Exclamei: